

Preâmbulo

Hoje, a violência já não está circunscrita aos territórios de caça, rodeados de arame electricificado. Coutadas. Há, por todo o lado, palavras de um sangue indiferente. E há o sangue. Os mapas tornaram-se frágeis e os mortos não têm um deus atrás que os receba:

mostra-se o carrasco vestido de carrasco e o lampejo da faca: a morte é sempre antiquíssima:

homens ajoelhados, ou o tiro através do pára-brisas de um carro, ou uma rajada de metralhadora numa mercearia de bairro, ou bocados que geram bocados. Nem merda somos. A merda é ainda um sinal de vida. Somos a antecipação de um monte de carne, onde não pousam moscas nem abutres.

:
Há poemas sobre “o quotidiano das grande cidades”, assim mesmo, com aspás e tudo, há o amor infeliz e os seus desencontros, corta-se a garganta a um homem, no deserto por todo o lado, e nem sequer ouvimos a areia sob os nossos pés, há livros terríveis, metástases de um único livro, onde enraízam as palavras de qualquer execução. Crianças vagueiam pelas ruas à procura de ossos e só encontram os ossos da sua mão:

todos os ossos se transformaram nos ossos da sua mão.

E a fome continua.

No ecrã, nada cheira, nós também não, desodorizantes, cremes, gel, champôs. Coisa de pobres, o cheiro. Coisa de gente que, tendo água de borla, nem assim se lava. Porém nós temos uma eternidade asséptica para onde fugir. Por isso, erigimos memoriais. Erigimos, não fabricamos nem construímos, a dignidade dos memoriais não nos permite tal coisa. Construímos casas, muros, currais, cercas, garagens, barracas, não memoriais: erectos, lembram matanças e evangelizações, mas um curral só lembra um curral, uma garagem só lembra uma garagem, um homem degolado só lembra um homem degolado, que horror, no sofá frente ao ecrã, que horror, às oito da noite, que horror, à hora do jantar, que horror, às vezes desligamos incomodados: o outro, esse inferno, como disse o outro, está muito perto, ao alcance da mão, inodoro e bem vestido, não chora nem defeca, mas este gajo ajoelhado na areia perturba-nos tanto, por isso regulamos-lhe a intensidade: mais luz, menos luz, mais brilho, menos brilho, e ele presta-se. Só vulgaridades sem redenção: alguém, sangrado como um porco, não redime: é somente um arrepio. E fechamos os olhos. E vamos para outra. Para esquecer. A nossa vida é feita destes pequenos esquecimentos terapêuticos. Uma pulhice. Aqui, pensa-se a nostalgia de um mundo limpo, de uma morte limpa, que é a de um homem, no seu caixão, trajado a preceito, a barba feita, pobre mas honrado, assim Deus o receba, sem moscas nem vermes, enquanto os mapas, o grande riso dos mapas, uma risota, abrem buracos por todo o lado, e nós, sentados no sofá, comemos pipocas, frente ao televisor que se pode desligar quando quisermos, um mundo à sua disposição, meus senhores e minhas senhoras, jogos de futebol, corridas de cavalos, touradas, regatas, o noticiário das oito, o big brother, e um assassinio para um pequeno arrepio: talvez assim se consiga, o quê?, talvez se consiga saltar sobre a morte e reaparecer vestido para a eternidade, vestido como deve ser. Hoje, já não choramos nem rimos: somos unicamente quem apaga o ecrã: insuportá-

vel, não é, querido? um jornalista morto como um suíno. Um quê? Grunham os porcos, quando eu corria atrás deles para os apanhar, e atrás de mim corria um bando de homens a rir. A morte esperava o bicho, um ramo de carqueja a arder para lhe queimar as cerdas, um alguidar vazio para lhe receber o sangue. E ele grunhia. Bárbaros. Vamos ao cinema, querida. Oh! querido. Não te esqueças de fechar bem a porta. E o gás. E a água.

(segue-se o intervalo:

Deus aproveita estas pausas. E faz a gestão da eternidade)

:

é preciso a indignação de um discurso. Mas o homem imóvel, sujo, nem dá tempo a uma frase. Está ali de joelhos e, de repente, chão. O sangue às golfadas. Os grunhidos do porco cada vez mais fracos. Que grande merda.

:

Há tantas histórias com princípio e fim, valha-nos isso, ou Deus, que é a mesma coisa, mas isto, isto, que horror, não há tempo sequer para uma história com princípio e fim, nem para uma história sem princípio nem fim, nem para um fragmento, o belo fragmento, essa história com princípio e fim que parece uma história sem princípio nem fim. E acalma. Mas o homem a ser degolado, sei lá onde acaba. Se acaba. Se começa. Ou se nem sequer começou. Fecha os olhos querida. Grande merda. O que disseste, querido?. Nada, nada. Disseste, sim, que eu ouvi, estás cada vez mais malcriado. Oh querido. Oh! querida. Oh querido!

:

(são apenas mortes, mortos?, insignificantes, no embuste da sua transparência. Na palavra do embuste: transparência)

(tornam os lugares provisórios, sabem construir uma fuga, com a minúcia do irremediável. E falam uma língua que não

lhes pertence. São bocados a língua que falam: palavras soltas que o desespero transforma numa frase.

A minha pátria é a minha língua. E eles gritam: germany, germany, no cinzento da Europlatz

— Deutschland, o que é isso?

O arame das fronteiras expulsa-nos a todos. A todos.)

(Cemitério Judaico — Varsóvia)

Placas, estelas, blocos de pedra, uns atrás dos outros, uns ao lado dos outros, subindo o morro, debaixo das árvores, inclinados para o caminho, apertando-o, tornando sinuoso o que é recto, um desvio, os melros não voam de lápide em lápide, basta-lhes saltar: asas ligeiramente abertas, pousam cautelosos, oscilantes, sobre os nomes gravados no mármore, alguns sujos de tempo, de fungos mortos sobre fungos mortos, outros de um dourado brilhante: ontem ainda alguém os chamava e alguém respondia, nomes cheios da nitidez dos nomes que acabaram de morrer, pujantes, (pungentes?) de uma morte que não envelheceu, nomes encerrados entre duas datas, que o homem quase não consegue enxergar, todos eles sem rosto e sem história, equivalentes, amontoados em vida, no ghetto, amontoados na morte, aqui, não escapam à proximidade sufocante, às lagartixas que vão de pedra em pedra e se imobilizam de repente em palavras indecifráveis, no interior de um cheiro a musgo seco, a mofo e a podre, o mesmo cheiro (outro?) saía da grelha dos esgotos, desprendia-se das roupas enxovalhadas e acumulava-se na rua. Antecipava, neste cemitério, o hiato entre um ano e outro, entre 1939 e 1945. O homem sabe, o quê?, sabe que essa grande pausa o rodeia, construída de tudo o que falta:

falta uma casa: e o vazio cresce, falta uma palavra: e o vazio cresce, falta-me tempo: para ir às compras, para ir a um concerto, para jantar contigo, para dormir: e o vazio não pára de crescer: apanhará a mulher que acabou de parir, a criança que acabou de nascer, o velho que acabou de morrer. Contamina. Em redor, as árvores recortam o azul desmaiado e nele enraízam. (aqui, não há pinheiros, nem abetos, nem castanheiros: há um nome quase abstracto: árvores.) A hera, verde concêntrico, enrola-se na pedra e torna-a cada vez mais pequena. Brutal, o que sobra: o gume: a memória fractura uma eternidade rudimentar. Como todas.

(Cenas familiares)

1

afasta silvas e ramos partidos, ao fundo cadeiras de plástico, verde e branco, sujas de terra. Rasgada a barreira das árvores, só a parede da casa, porque há uma casa, duas janelas rectangulares, um monte de lenha no telheiro. Sem um som, tudo o que cerca, sem uma resposta. As cortinas afastadas onde perdura o movimento da mão: na estrada, gente passa, com a morte em qualquer ruga, prega, mancha, escondida como o que se mostra, o simultâneo, onde as coisas se repelem e ficam tão próximas. São assim as coisas. É assim: a concisão fecha até à nitidez. A nossa. A delas.

:

Desvia os olhos, desvia-os do ecrã apagado, nele ainda há pouco, o quê?, e encontrarás um lápis sobre a mesa. Entre a mão e o lápis: um longo percurso. Vou ou não vou. O sol atravessa. Entre a mão e o lápis: um pano cru, vincos, flores amarelo-torrado, ou nódoas de café: um desmazelo. Há. Só. Como o brilho depois da chuva. Só o brilho. Há.